

ANTIPSIQUIATRIA E PSIQUIATRIA

ADERBAL SALES

O médico ao entrar na Enfermaria, parou por um momento para observar o doente internado numa cela estreita e semi-escura, fechada com grades de ferro e perguntou: — “Por que está aqui?” O doente olhando-o fixamente, entre curioso, irônico e admirado, respondeu: “Aqui, dr. nós somos a minoria. A maioria está lá fora.” E recaiu no seu mutismo.

DIAGNÓSTICO NA FOLHA DE OBSERVAÇÃO CLÍNICA: “ESQUIZOFRENIA”

A ANTIPSIQUIATRIA, na febril efervescência de idéias que agita o mundo em contradição e desespero, um anti-mundo em revolta contra tudo e contra todos, numa ânsia de renovação que não encontra, não é mais do que uma tentativa para explicar o que a PSIQUIATRIA CLÁSSICA não conseguiu elucidar até agora.

Surgiu, de início, com Cooper e mais tarde com Laing para melhor estudar e observar o louco e a sua loucura, sobretudo o ESQUIZOFRÊNICO, instalando em Kingsley Hall, num dos subúrbios de Londres, as *house-holds*, unidades comunitárias, onde médicos estagiavam, às vezes por longo tempo, e sem ser médico e louco, o próprio Gandhi quando foi à Inglaterra debater problemas de liberdade e autonomia da Índia.

Cooper queria realizar uma experiência de assistência comunitária inovadora, libertando o doente mental, o ESQUIZOFRÊNICO, em particular, de todas as restrições que faziam do Macro Hospital Psiquiátrico uma prisão sem conforto e sombria, onde deixavam segregados, em completo abandono, os loucos mais agitados, não raro algemados, o que se verificava e ainda se verifica, embora mais raramente, nas celas sem leito e sem luz das Instituições Asilares Oficiais para enfermos mentais irrecuperáveis, aqui no Brasil e se observa ainda em Tamarindeira, em Pernambuco, em pleno século da ANTIPSIQUIATRIA.

As *house-holds* foram o impulso pioneiro dessa libertação que infelizmente não podiam ter êxito duradouro porque careciam de administração interna e apoio financeiro particular ou oficial para manter-se, o que lhes foi negado.

Como escreveu Guy Baillon, a NEOPSIQUIATRIA “enfeixava duas ordens de fatos bem definidos e distintos: o real e o imaginário. E entre o real e o imaginário preferiu ficar com o imaginário e os seus fantasmas”.

Apesar do esforço e do idealismo daqueles que construíram e tornaram Kingsley Hall conhecido para o mundo, onde os enfermos mentais viviam como queriam, libertos de toda coerção, sem assistência e cuidados médicos e de enfermagem, entrando e saindo como queriam, com inteira liberdade de ação e movimento, num *laissez-faire* e *laissez-aller* de quem vivia no melhor dos mundos possíveis, em poucos anos desapareceu, fechando as suas portas, num fracasso total de casa abandonada pela própria desorganização e incúria de administração que não possuía, entregue àqueles que não podiam dirigi-la.

Entretanto, sobreviveu para eternizar-se no tempo como o sonho de um místico e idealista — a idéia — que se difundiu principalmente na Inglaterra, com Cooper e Laing, na Itália com Mannoni e Basaglia, na França com Deleuzi e Guttari, Roger Gentis, Diatkine e Lebovici, Chartier, Foucault, BARGUES, Guy Baillon, Chantal Bousseur e nos Estados Unidos com Norton Schatzman, Kenneth Loach, Bateson, Thomas Szasz, Lidz e Wynne, entre muitos.

Entretanto, mais de dez anos depois continua ainda em controvérsia num maniqueísmo acadêmico, talvez pelo sentido filosófico e político que lhe quiseram impor e não científico, como queria Cooper.

O escravo libertou-se, em parte, de suas algemas e de sua prisão, mas ficou ainda esquecido e abandonado nas trevas de sua loucura de etiologia cada vez mais obscura para um tratamento específico, apenas paliativo para alguns dos seus sintomas mais evidentes e agudos.

Obrigado a fugir amedrontado dos seus cárceres sem luz, vai procurar ser atendido num dos dispersos “Centros de Saúde Mental” espalhados pelos bairros distantes da cidade monstruosa, às vezes mais facilmente nos “Ambulatórios dos Macro Hospitais” quando a sua enfermidade era rotulada de NEUROSE.

E nesse criminoso abandono social dirigia-se para os “Prontos Socorros Psiquiátricos” ou para os “Hospitais Dia e Noite” em

busca de uma consulta, abrigo ou alimento, deambulando solitário e faminto pelas ruas desertas, talvez numa tentativa metanóica de se reencontrar num mundo perseguido misteriosamente pelos seus fantasmas, cada vez mais doente e esquizofrênico.

A Patologia Geral ou Especializada, mais metafísica do que objetiva e racional, perdia-se numa confusão de *workings hypothesis* originais mas imprecisas nas suas conclusões e o pobre louco continuava sempre mais louco, quando não encarcerado nos Frenicômios ou solto, perdido dentro da multidão que o ignorava, indiferente à sua dor, à sua tragédia e à sua loucura, no submundo em que vivia à espera da morte que tardava em vir.

Vítima indefesa de uma sociedade que se não era etiologicamente a causa fundamental de sua doença e do seu sofrimento, concorria em grande parte para o seu aparecimento e despertar silencioso e traçoero, para não dizer com Laing quando afirma um pouco categoricamente que a Esquizofrenia é uma doença da sociedade que é esquizofrênica, e não do indivíduo.

Antipsiquiatria e Psiquiatria se perdem num sincretismo de idéias e conhecimentos que se entrecrocavam e se confundem na incerteza e no caso de múltipla etiologia orgânica, psicológica, sócio-econômica, genética, neuro-bioquímica, psicossocial e por fim política e filosófica, na abstração de suas conclusões metafísicas.

Marx, num exagero de interpretação sectária, condicionava a sociedade de consumo como o *primum movens* de seu determinismo, sociedade alienante, escravizadora e estressante pelo seu espírito de mercado e, conseqüentemente, de luta e concorrência, hostil e agressiva, despertando reações entre indivíduos e grupos, correndo sempre cada vez mais para atingir os seus interesses e ambições de riqueza, prestígio e poder.

Esqueceu-se, porém, no seu sectarismo ídico que era mais fanatismo, que nenhuma cultura ou civilização, eram mais opressoras na intransigências dos seus pontos de vista que o próprio marxismo, sociedade horizontal, confluyente, autoritária, que escravizando pelo terror tornou-se geograficamente o maior gueto que registra em todos os tempos a História.

É o laboratório geo-político em cujo caldo de cultura fermenta em silêncio e segredo o homem doente e escravo, sepultado sem ninguém saber, ignorado e esquecido nos cemitérios sem nome das estepes sombrias com a sua loucura e a sua voz sem ressonância na acústica do Universo.

Bateson e Jackson formularam a teoria do “duplo vínculo” observando que a sua maior incidência se verificava nas famílias de esquizofrênicos.

Era resultante do interrelacionamento familiar, isto é, da interação pais-filhos, mas as suas conclusões foram contestadas por BARGUES e levou KOUPERNICK a dizer que se aceitássemos as suas observações sem maior critério bio-estatístico, “todos nós, pelo menos na sua maior parte, seríamos esquizofrênicos” neste mundo de loucos lúcidos.

Evidencia-se, assim, que a patogenicidade do *double bind* não pode ser considerada como a causa da Esquizofrenia, escreveu WATZLAWICK, mas já é aceito por todos, médicos, pediatras, psicólogos e psiquiatras infantis que o bom relacionamento entre mãe e filho é de grande valor para o sadio desenvolvimento mental da criança.

E LAING mais místico do que médico, mais filósofo do que clínico e mais analista do que psiquiatra ou sociólogo, afirma que esquizofrênica é a sociedade e o esquizofrênico apenas a vítima infeliz e inerme dessa sociedade reagindo inutilmente à escravidão que o esmaga.

Até hoje, no entanto, não foi confirmada uma causa orgânica para o diagnóstico da Esquizofrenia, mas é inegável que a família e a sociedade, sob o ponto de vista psicogênico muito influem para a sua obscura etiologia que o laboratório e a clínica não conseguiram ainda desvendar de todo, apesar de todas as pesquisas realizadas.

Há uma absoluta falta de lógica na vida dos indivíduos nos regimes de força e opressão.

Eles não reagem, obedecem.

Analisando-se sem preconceitos políticos ou ideológicos as duas sociedades que se bifurcam em polos opostos, em luta pela hegemonia do mundo, conclue-se sem maior esforço de raciocínio que a Sociedade Marxista em que dominam o medo e o terror gerados pela opressão, o condicionamento em massa pela educação sob controle do Estado, a escravidão do pensamento, a monotonia da solidão na imensidade paradoxalmente sem horizontes, o automatismo do comportamento, o sentido de insegurança da vida criando angústia, ansiedade, frustrações e sofrimento moral, a existência carcerária sem margens de evasão a não ser num desespero de suicídio, oferece maior motivação para o surgir de transtornos mentais — Neuroses e Psicoses — do que a vida numa Sociedade aberta para a discussão, o diálogo e a crítica, com todos os meios de divulgação internos e externos de que dispõe sem restrições para denunciar ou acusar erros e crimes da administração pública ou do próprio governo.

Uma sociedade assim, jurídica e moralmente constituída, psicossocialmente, apesar das dificuldades que o homem encontra no cotidiano da luta pela vida, deve apresentar menor índice de doentes mentais, principalmente Esquizofrênicos internados nos Hospitais Psiquiátricos do Estado, do que uma Sociedade Monolítica de escravos e autômatos, insensível e alheia a tudo que está acima dos seus desígnios e fins.

Uma, se disfarça e atenua, em parte, a exploração do homem pelo homem, o faz dentro da liberdade, a outra esmaga pela violência e o terror. Em ambas, porém, há inegavelmente a exploração do homem; quando não é do homem pelo homem é do homem pelo Estado.

Aliás, o conceito de vida que já se estratificou na sua mentalidade de escravos faz lembrar o que dizia um personagem de Kafka, "há mais segurança em estar acorrentado do que viver em liberdade", sobretudo quando essa liberdade é uma ameaça à nossa existência, acrescentamos.

O marxismo, politicamente é autocrático, policial, sectário, carcerário e sob o ponto de vista ideológico é carismático, doutrinário e anti-científico porque dogmático e o dogma é a anti-ciência.

Mas de Ayala, prof. de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Montevidéu e de Psicopatologia do Instituto de Ciências Superiores com a sua experiência e autoridade escreve que as enfermidades mentais se encontram em uma série etiológica assim constituída:

- a) — um fator biológico, a predisposição constitucional;
- b) — um fator psicológico, a situação na vida;
- c) — um fator circunstancial, um acidente: emotivo, tóxico infeccioso.

Entre estes, porém, enquadram-se ainda, o econômico, o psicossocial, o físicoquímico e o genético, já investigados e estudados e se aceitarmos essas perturbações deles oriundas é de se interrogar se "surgiram *a posteriori* como consequências ou *a priori* como causas".

Apesar de sua etiologia continuar desconhecida pela Antipsiquiatria e a Psiquiatria Clássica é inegável que a família e a sociedade influem sobremaneira, sobretudo a família, para a sua ainda discutida etiopatogenia.

A idade em que surge, geralmente, nos faz pensar, assim.

Não há exagero nem é um erro sugerir que a Antipsiquiatria, embora tardiamente, quase um século depois, foi mais uma reação natural e espontânea contra o materialismo da Psiquiatria Acadê-

mica e da Medicina Geral de Morgagni e Bichat do *ver para crer*, cujas raízes profundas não de todo esquecidas ainda germinavam em idéias estratificadas no subsolo semeado por Wirchow.

Esta reação, ao mesmo tempo, audaciosa e fecunda, num sentido mais amplo e geral veio não só abrir novos caminhos ao estudo, à investigação e à pesquisa nos domínios das Ciências Médicas excessivamente orgânicas e objetivas, até então, como da Psiquiatria que se preocupava exclusivamente com a doença na riqueza de sua sintomatologia física, esquecendo o doente mental como ser humano no seu tríplice aspecto biopsico-social.

A Antipsiquiatria, no entanto, não existe.

Etmologicamente, assim denominada por Cooper para estudar e tirar conclusões de uma experiência intra-hospitalar num Hospital de Alienados, atualmente abrange um conjunto de idéias e conhecimentos, observações e pesquisas em torno do Esquizofrênico e da Esquizofrenia de sentido mais metafísico do que propriamente científico no conceito médico, sobre os quais Laing formulou hipóteses e teorias que embora fascinantes ainda necessitam de esclarecimento e confirmação na sua obscura epistemologia que uma hermenêutica em dúvida ainda não conseguiu entrever e interpretar clinicamente dentro de uma metodologia estruturada com clareza em bases conceituais capazes de permitir conclusões que todos aceitem sem contestação.

Há em Laing, di-lo Jean François Barges, “muito de subjetivo e de política”, o que tem sido explorado por alguns psiquiatras psicólogos e políticos sectários. Apologético e brilhante esse missionário da Neopsiquiatria confunde mais do que esclarece para ser compreendido, teórico em excesso formula conceitos abstratos na afirmação dogmática de verdades aparentemente apodíticas, que não podem ser demonstradas e aceitas sem discussão.

As idéias apreoadas por Cooper, Bateson, Esterson e o próprio Laing sobre a influência da família e da sociedade na participação, sinão na gênese da doença mental, mais precisamente da Esquizofrenia, ampliaram esse aspecto do problema que continuava estático, restrito e fechado para outras interpretações, permitindo resurgiu uma outra Psiquiatria Social e Humana, mais dinâmica e viva para melhor compreender o Esquizofrênico e acolher, tratar e amparar o doente mental.

Entre outros, foram eles, além de pioneiros na Inglaterra, na América, na Itália e na França os criadores dessa orientação da Psiquiatria atual que ressurgiu para florescer e frutificar brilhantemente, apenas com a distorção semântica de ANTIPSIQUIATRIA.